

Elementos funcionais e ornamentais da arquitetura eclética pelotense: 1870-1931. Estuques.

NOBLE, André Winter – Voluntário Pet – andre.winn@hotmail.com

VALENTIM, Jailson dos Santos – Bolsa Pet – valentim8@yahoo.com.br

IAD/UFPel

SANTOS, Carlos Alberto Ávila

IAD/UFPel

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de investigar os elementos funcionais e ornamentais dos estuques empregados nas paredes externas e internas dos prédios ecléticos da cidade de Pelotas, erguidos entre os anos de 1870 e 1931. Trazemos à tona problemas referentes ao surgimento, confecção e desenvolvimento desta técnica, avaliando questões socioeconômicas, artísticas e arquitetônicas. Os aspectos estruturais e formais deste patrimônio atestam a importância desse legado ornamental agregado à arquitetura eclética pelotense, mas carecem de material bibliográfico sobre esses elementos decorativos, o que nos motivou a iniciar este estudo.

De forma genérica, o termo estuque define qualquer argamassa construtiva ou de revestimento de paredes e de tetos, que viabilizava um acabamento requintado por meio de pinturas murais (escaiolas e *tromp l'oeil*¹) ou da aplicação de relevos ornamentais. Nessa pesquisa, adotamos o termo estuque para designar os elementos bidimensionais moldados em relevo, produzidos com massa de cimento ou de gesso representando figuras geométricas, orgânicas, fitomórficas, zoomórficas e antropomórficas, símbolos diversos, que ornamentam as paredes dos edifícios.

Segundo Corona & Lemos,² “(...) genericamente dá-se o nome de estuque a toda a argamassa de revestimento que depois de seca adquire grande dureza e

¹ Expressão francesa traduzida por “engano de olhos”, designa a pintura que, através da técnica apurada e dos escorços das figuras representadas ou da perspectiva utilizada, imita materiais diversos (mármore, lambris, panejamentos); sugere a terceira dimensão onde ela na realidade não existe (elementos arquitetônicos como frisos, colunas, capitéis, relevos e esculturas); simula planos nas paisagens elaboradas.

² CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972. p. 208.

resistência ao tempo". Os autores acrescentam: "(...) é a argamassa que serve de vedação, preenchendo interfícios de uma armação qualquer, (...) como telas de arame trançado". Somam-se a essas informações os registros de Affonso Ávila³ sobre a utilização da técnica do estuque na arquitetura barroca mineira: "(...) argamassa feita de gesso ou cal, areia fina ou pó de mármore, revestindo trançado de metal ou treliça de madeira que se usam como paredes secundárias, forros e ornamentos".

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

As fachadas dos prédios ecléticos de Pelotas eram ricamente ornadas com elementos diversos, que se repetem em diferentes prédios. O que observamos nos frontispícios são estilizações de vários ornamentos como: folhas de acanto, curvas e contracurvas, volutas, rocalhas, flor de lótus, guirlandas e folhagens. Outros ornatos como frisos, gárgulas, dragões, dentículos, brasões, globos, elementos musicais, âncoras também se encontram presentes. Uma característica comum entre os prédios, principalmente os públicos, é o nome e a data de construção ornando o frontão principal. Já nas residências, a data de construção geralmente vem acompanhada pelo monograma do proprietário.

Para guiar esta investigação, foi feita ampla consulta bibliográfica, incluindo livros, artigos e teses que enfocam o tema. Realizaram-se entrevistas com profissionais ligados à área de memória e de patrimônio, conservação e restauro, que informaram sobre a técnica ornamental. Desenvolveu-se pesquisa de campo, quando foram fotografados os prédios e suas decorações para posterior análise, estudo comparativo e texto descritivo.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

No ecletismo arquitetônico pelotense o estuque foi amplamente utilizado como revestimento de paredes e tetos e na aplicação de elementos ornamentais realizados com diferenciadas argamassas sobre as superfícies murais. Como colocam Corona & Lemos: "(...) Com o estuque são feitos altos e baixos relevos,

³ ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980. p. 42.

ornatos, cornijas, florões, (...) a mão livre ou com o auxílio de moldes".⁴ Sobre os componentes do estuque, os mesmos autores complementam: "*(...) são empregados vários materiais, principalmente o pó de mármore, a areia, a cal, o cimento, o gesso, a greda, além da água necessária e, algumas vezes, da cola*".⁵

Em Pelotas, o método para a estucagem dos tetos seguia regras semelhantes às usadas nas construções da Roma antiga, pois observamos que o fasquiado era fixado diretamente sob o vigamento dos forros, seguindo à aplicação do revestimento. As fasquias eram pregadas no sentido perpendicular às vigas de sustentação dos telhados ou dos pavimentos superiores. As ripas apresentavam secção retangular ou trapezoidal, facilitando a aderência da argamassa ao suporte e originando um espaço de ventilação. A estrutura criada distanciava-se da cobertura ou do piso superior dos prédios formando uma caixa de ar, que garantia maior durabilidade à técnica. Durante a execução do projeto de restauração da residência do barão de Cacequi, tivemos oportunidade de observar a estrutura de sustentação dos tetos, composta por vigamentos e fasquias de madeira que dão suporte aos ornamentos de estuque do andar térreo.

Inicialmente, o estuque era composto de uma massa grossa; depois, à medida que o trabalho avançava, a massa ia sendo refinada gradativamente, proporcionando melhor acabamento às superfícies das paredes.⁶ O que diferencia o estuque empregado nas paredes externas, daquele utilizado nas paredes internas, é a composição das argamassas. No estuque das paredes exteriores, a argamassa era resultante da mistura de cal com areia e água. Algumas vezes, uma pequena quantidade de pó de mármore era acrescentada à massa, objetivando maior resistência. Com o passar dos anos, o cimento foi incorporado à mistura. No estuque das paredes interiores, onde a incidência das intempéries é menor, no lugar do cimento é utilizado o gesso como componente da argamassa.

4 CONCLUSÕES

Os prédios ecléticos erigidos em Pelotas atestam o apogeu econômico e cultural da elite da cidade no período compreendido entre os anos de 1870 e

⁴ CORONA & LEMOS. Op. cit. p. 208.

⁵ Ibid. p. 208.

⁶ Entrevista realizada em 27/11/2009 com os restaurados de estuques Márcia de Pauli Guidoti e José Luis Silva.

1931. Os ornamentos confeccionados em estuque reforçam o gosto e as ideologias dos proprietários dos palacetes, caracterizam o estilo historicista eclético dos prédios e o desejo da sociedade em exteriorizar nas fachadas dos edifícios o desenvolvimento e modernização alcançados na época. Este estudo é parte integrante de uma pesquisa maior, que enfoca os elementos metálicos, a estatuária, as portas e pára-ventos utilizados na arquitetura eclética pelotense. A pesquisa objetiva a divulgação dos conhecimentos obtidos, e busca colaborar para a preservação deste patrimônio arquitetônico. Desta maneira, aspiramos a que o trabalho realizado incentive a todos que desejam aprofundar questões na área patrimonial.

5 REFERÊNCIAS

- ÁVILA, Affonso. **Barroco mineiro**: glossário de arquitetura e ornamentação. São Paulo: Melhoramentos, 1980.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil**: 1870-1931. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- CORONA, Eduardo & LEMOS, Carlos. **Dicionário da arquitetura brasileira**. São Paulo: EDART, 1972.
- ARGAN, Giulio Carlo. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história de Pelotas (1860–1890). Pelotas: Mundial, 1993.